

Celeste d' Alcântara Arruda - Osairanle

ÒGÚN

O Meu Orisa

Por Èsu Bambalatiri

Salvador 2008

Orelha



Èsú Bambalatiri é o grande mensageiro dos *Orisa do Ile Ase Orisanla J' Omi* - Terreiro São Bento. Digno *Esu* de palavra única e indiscutível, possui profunda sabedoria. Seus atos conferem fé aos maiores incrédulos. Ele norteia nossas vidas nos conduzindo aos melhores caminhos trilhados por *Ògún*. Misterioso e encantador, surpreendeu ao entregar-me a missão de transcrever *Ògún*, o meu *Orisá*.

Celeste d' Alcântara Arruda

Ògún, o meu Orisá

Celeste d' Alcântara Arruda

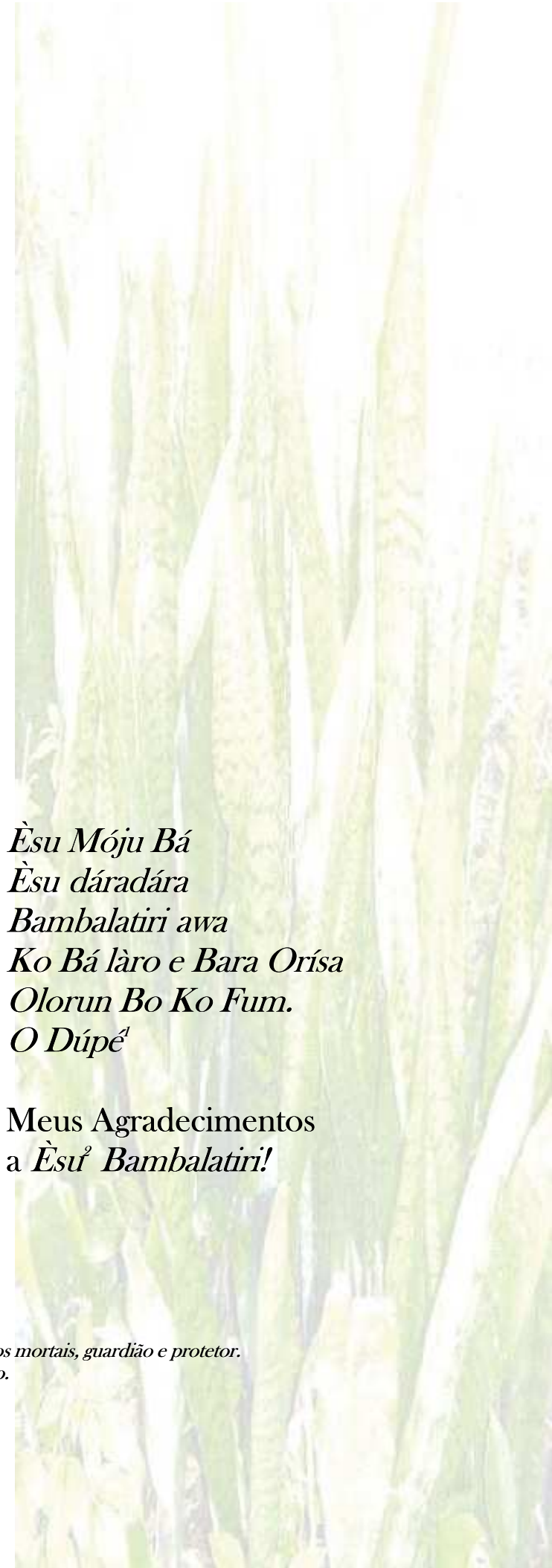
ÒGÚN

O Meu Orisá

Por Èsu Bambalatiri

Revisão: Walter Rui Pinheiro
Projeto Gráfico:
Fotografias: Celeste Arruda, Rogério Santos Silva, Nelly Zamora

Ficha Catalográfica



*Èsu Móju Bá
Èsu dáradára
Bambalatiri awa
Ko Bá làro e Bara Orísa
Olorun Bo Ko Fum.
O Dúpé¹*

Meus Agradecimentos
a *Èsú² Bambalatiri!*

¹ Exu divindade responsável pela comunicação entre o Orisa e os mortais, guardião e protetor.
² Saudação a Esu, em Yorubá feita pela Ialorixá Alda Funmilayo.

In memoriam

Dr. Donaciano d' Alcântara Filho (1919 - 1974)

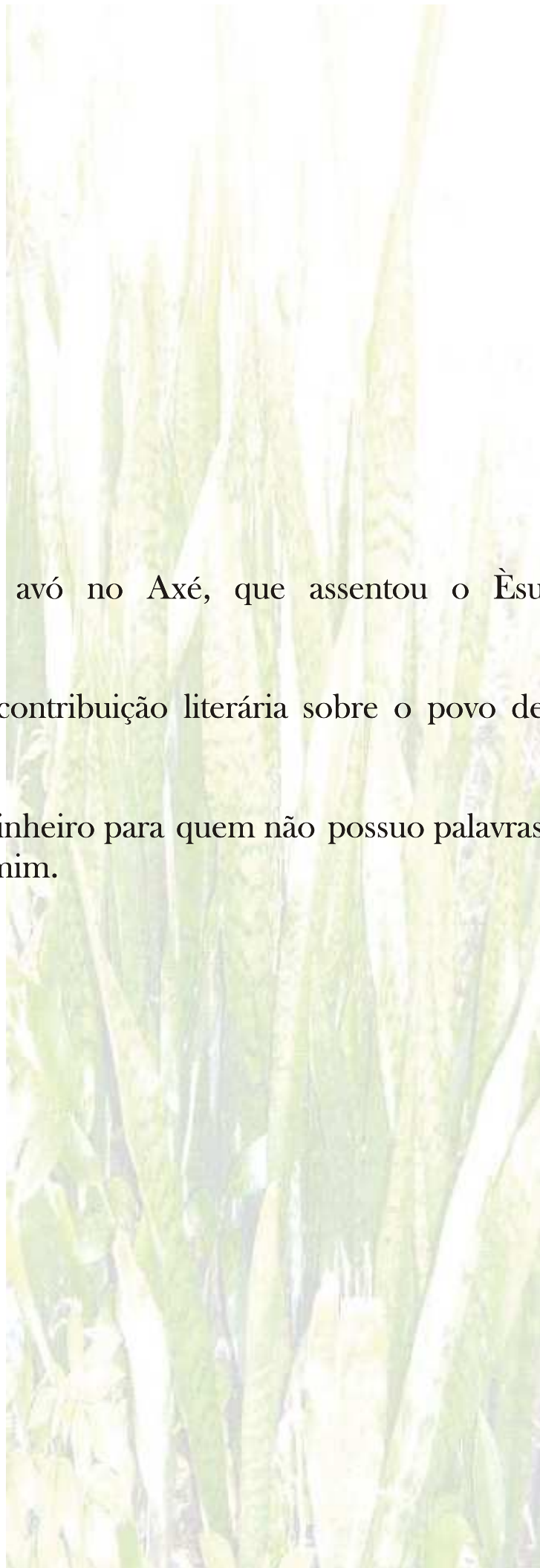
Meu avô me deixou de herança muitos livros, dignidade e a sede insaciável de conhecimento.

Dedicatória

À Iyalorisa Mãe Zulmira, minha avó no Axé, que assentou o Èsu Bambalatiri.

Ao Professor Julio Braga, por sua contribuição literária sobre o povo de santo.

Ao meu grande amigo Walter Rui Pinheiro para quem não possuo palavras suficientes para agradecer sua fé em mim.



Agradecimentos

Um dia *Osun Alakí*³ perguntou se eu gostaria de cuidar das vasilhas dela. Eu tinha 12 anos, e como sou fascinada pelo mistério dos Orisa⁴ desde criança, aceitei prontamente. Agradeço a ela por este dia. Aos meus pais, Dílson *Funrile* e Alda *Funmilayo* – atuais zeladores do Terreiro São Bento, pela companhia. A minha avó Celeste - Iyabase, a sabedoria. Aos meus mestres Julio Braga e Felix Ayoh´Omidire, a inspiração!

A todos que, mesmo com uma simples palavra, tornou possível esse trabalho, minha gratidão.

Aos Meus Guias espirituais, *Olorun Mo Du Pé!*

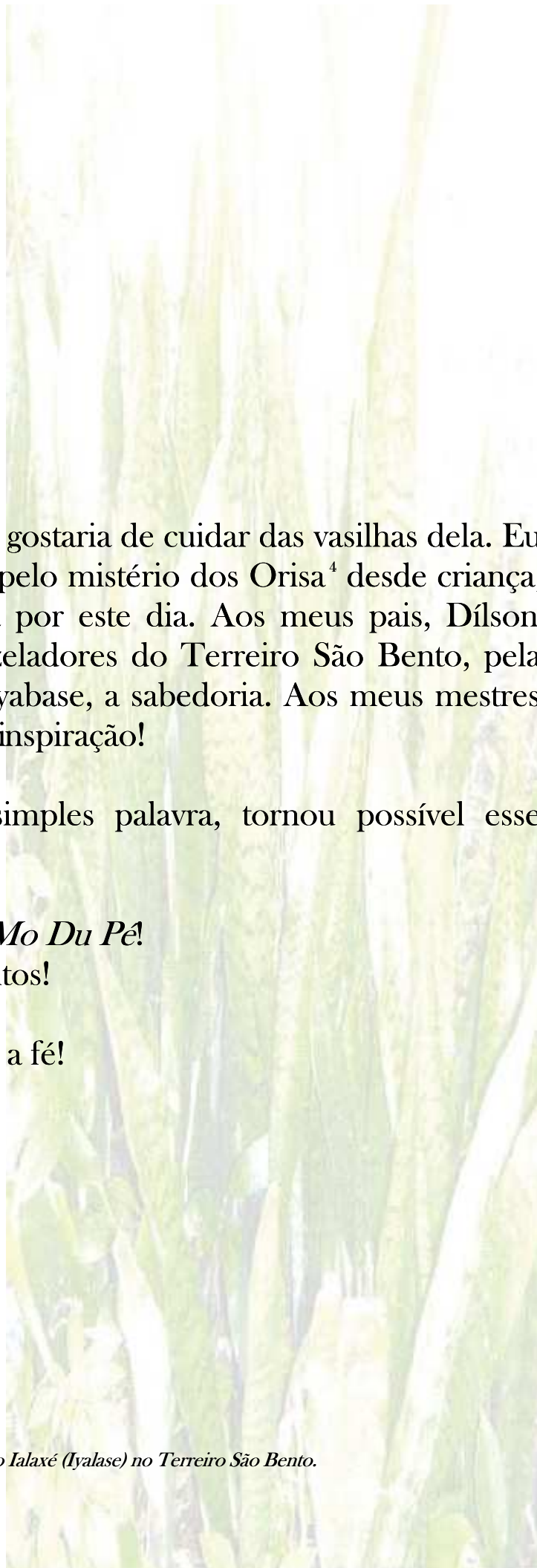
Ao Caboclo Pedra Preta, meus respeitos!

Ògún, meus caminhos.

A Cacique Jiquiriça da Pedra Branca, a fé!

³ Nome do Orixá responsável por minha iniciação religiosa como *Ialaxé (Iyalase)* no Terreiro São Bento.

⁴ Orisa – Orixá em Yorubá divindades africanas.



Apresentação

Como descrever a magia do diálogo entre o povo de axé e as divindades africanas? De que jeito? Podemos pensar em psicografia, em sonho, ou mesmo naqueles momentos de transe em que as divindades incorporam e utilizam todas as funções do corpo de alguns de seus filhos. Num espaço quase inexplicável desta comunicação, surge *Ògún, o meu Orisá*. Um livro idealizado por *Èsu Bambalatiri* e escrito por uma pessoa amparada e sintonizada com esse *Èsu*.

Bambalatiri é o grande mensageiro dos *Orisa do Ile Ase Orisanla J' Omi* - Terreiro São Bento. Digno *Èsu* de palavra única e indiscutível, possui profunda sabedoria, seus atos conferem fé aos mais incrédulos.

A *Iyalosrisá*⁵ Alda *Funmilayo* do Terreiro São Bento recebeu de *Èsu Bambalatiri* um esboço deste livro, incumbindo-a de passar para a *Iyalase*⁶ Celeste a responsabilidade de transcrevê-lo, transmitindo a sua mensagem sobre *Ògún*.

Celeste d' Alcântra Arruda é filha da *Iyalorisa* e administradora do Terreiro. Confirmada *Ekeji de Osalufá*⁷, foi iniciada como sacerdotisa aos 13 anos de idade. E desde então teve sua vida dedicada às divindades do Candomblé. O fato de não “incorporar” uma divindade não a impediu de receber de *Èsu Bambalatiri* a inspiração e as palavras ditas nesta obra a respeito de *Ògún*. O culto aos *Orisa* é repleto de mistérios, e apesar de muito se falar, o segredo sempre será segredo.

⁵ Mãe de Santo, zeladora das divindades africanas.

⁶ Pessoa detentora dos segredos da casa de candomblé.

⁷ Mulheres que auxiliam as filhas -de - santo quando estas entram em transe.

SUMÁRIO

Introdução	10
Ògún o meu Orisa por Exu Bambalatiri	13
Lados Opostos	14
Oriki - Fragmentos	18
Ògún	19
Uma Lenda	21
Em toda Parte	23
Folhas	24
A folha espada - de - ogum	25
O Dendezeiro	27
Símbolos Sagrados do Guerreiro	33
Oferendas	37
Seus filhos do São Bento	42
Ajoile - O guerreiro desta casa	45
Tantasile - O menino que brotou do inhame	47
Inkossi na TV - Um depoimento	50
Ao Guerreiro	51
Canção do Tamoio - Estrofes	52
O Terreiro São Bento	55
Referências Bibliográficas	57

Introdução

Existem muitos livros falando de *Orisá*, principalmente de *Ògún*⁸. Contam-se muitas lendas, que freqüentemente são mal interpretadas e produzem imagens negativas das divindades africanas. Falar de *Ògún* não é fácil, escrever sobre *Ògún*, o mitológico deus bélico, é muito mais complexo.

Quando pensamos na crueldade das guerras, na selvageria da natureza de homens covardes que propõem como estratégia de conquista, armar jovens, induzindo-os a executarem ações sem nenhuma consciência da importância da vida, lançando-os aos deploráveis campos de batalha. Quando vemos na televisão tantas mortes por motivos que não justificam perdas de vidas. E quando presenciamos a violência nossa de cada dia. Não podemos aceitar como, divino, santo, sagrado, *Ògún*.

A natureza da energia *Ògún* que alimenta em nós, desde a primeira forma de vida humana na terra, o conflito e o desejo de vencer, o estímulo instintivo de ataque e defesa sempre que pretendemos conquistar algo, explicaria o fato de nascermos prontos para o combate. Iniciando - se no momento em que rompe - se o ventre da mãe na inocente necessidade de chegar à vida, de vencer as bactérias, os germes e se manter respirando com a possibilidade de nos depararmos com as devastadoras guerras pelo mundo.

No candomblé se cultua o *Orisá Ògún* através da imagem de um homem guerreiro simbolizado em um soldado. E ao mesmo tempo se afirma que, os *Orisa* são anjos da cabeça, guardiões e representantes das forças da natureza, divinos e sagrados. Entender essa estrutura no culto das divindades africanas, com seres sobrenaturais, que tomam corpos e mentes, que dançam, cantam, doam energia aos seus filhos e têm suas simbologias nos elementos da natureza, como: folhas, cachoeiras, fogo, metal, animais pode parecer confuso e contraditório. É força da natureza ou é Deus disso e

⁸ Divindade africana, senhor dos caminhos e das batalhas.

daquilo? Como ser Deus se Deus é divino e o que se entende por divino não tem a ver com a guerra.

Estudando e vivenciando a religiosidade da descendência africana a respeito de *Ògún*, pode-se adentrar o céu e o inferno da fé. O Deus guerreiro, violento e sanguinário, é também aquele que é considerado o bom começo, por ser justamente ele quem, com sua espada, abre os caminhos e garante a vitória.

Há muitos anos o candomblé cultua *Ògún* assim. Seja esse culto uma forma equivocada de interpretar a divindade em que se crê, e que por tanto tempo tenha sido assim cultuada ao ponto de ter o arquétipo de um soldado. E se for divino o *Orisa* que tão mal compreendido pelos humanos tornou-se violento guerreiro, pode ser mistério. Mas não se pode negar que existe em nossa natureza algo que nos torna guerreiros em potencial, e nem afirmar que essa energia, boa ou má, que nos impulsiona a luta, ao desbravar das questões nos vários níveis, não seja mesmo *Ògún*.

Procuramos em *Ògún, o meu Orisá*, falar da fé em um Deus guerreiro, mas que consideramos vital e encantador. Reconhecendo sua complexidade no fantástico mundo das divindades africanas, *Èsu Babalatiri* nos convida a enxergar *Ògún* de forma poética e reflexiva.



Ògún, o meu Orisá



Atim de Ògún - Terreiro São Bento

Ògún, o meu Orisá

Por *Èsu Bambalatiri*

Para falar de divindades africanas é necessário obter equilíbrio e emancipação mental para compreender o que se considera divino no candomblé, como se cultua esse divino, qual interpretação se dá à relação do divino com o mundo material e da visão materialista que se tem do divino.

O entendimento do plano imaterial como força superior, alheia a nossa vontade, capaz de transformar nossa vida, e ainda, ter o poder de canalizar esta força em favor da humanidade, é dogma do culto *Olórisá*⁹.

No desenvolvimento de uma visão crítica sobre a mitologia africana e seus respectivos cultos, adentramos um mundo de infinitas possibilidades e compreensão do sobrenatural, deparamo-nos com diversos nomes, interpretações, conceitos e concepções de uma mesma essência, que para o candomblé é o *Orisa*, a natureza, base de todos os inventos e descobertas do homem, de todos os cultos e religiões que passarão. E para todas as religiões, povos, nações existe a necessidade de lutar e vencer, com ou sem mitos.

O mito passará, mas ainda há de ficar o metal.

⁹ *Aqueles que cultuam os anjos da cabeça, os guardiões.*

Ògún, o meu Orisá



Peji Ògún Onire - Terreiro São Bento

Lados Opostos

Durante toda história da humanidade o homem se pergunta: Por que estamos divididos em territórios diferentes, línguas diferentes, cultos diferentes, raças diferentes, formas diversas de cultuar Deus e a natureza?

Nesta angustiante busca por respostas concretas, tendemos simplificar o que acreditamos ser Deus, para que sendo único, ele possa ser acessível. Essa idéia hegemônica vem sustentando as grandes guerras desde que o mundo é mundo, e alimentando as divergências religiosas. Essa hegemonia jamais será encontrada no culto ao *Orisa* praticado no Brasil, dividido em nações e ritos. E com alguns seguidores que usam de fervorosos discursos para explicar que *Ògún(Nago)* e *Nkossi (Bantu)* são guerreiros, mas não são a mesma divindade.

É o homem quem determina suas crenças, escolhe em que acreditar, e como acreditar, a unidade está em termos de fé. E o universo é diverso, Deus é diverso, é a natureza que passa séculos multiplicando cores, folhas, pedras a fim de conceder a humanidade o deleite de apreciá-la de várias formas, do contrario seria tudo muito monótono. Mas para o homem, sempre insatisfeito, parece que não é o suficiente. Desejamos inconscientemente a unidade que simplifica, que é diferente de união. E as diversas religiões inventadas pelos homens só existem a fim de subjugar, de oprimir e reprimir o Deus que está em cada um de nós, e em tudo que existe.

No candomblé temos a responsabilidade de cultuar a natureza de todas as coisas do universo, do germe ao sol, de forma subjetiva e simbólica, mas surgiu uma interpretação equivocada sobre as divindades, ao ponto de observarmos que alguns sacerdotes, da mais alta tradição não sabem discernir o sentido do que seja céu e do que seja guerra. O pensamento ocidental escravocrata exercido pelos colonizadores como método de extermínio e descaracterização da cultura, da filosofia, da mitologia e da religiosidade de um povo, buscando satanizar nossa crença, se incumbiu de transformar a simbologia do *Orisa* em santo ou demônio. Mas *Ògún* não é santo, nem demônio. *Ògún* é a essência do guerreiro. É o confronto dos

lados opostos. É a energia no homem a conduzi-lo à conquista de seus objetivos. Não tem nada de perdão ou salvação nisso. Então, nos deparamos com uma frase bem corriqueira: “A verdade dói!”. Nossa verdade é *Ògún*.





Peji Ògún Meje: O agricultor sob a luz do sol - Terreiro São Bento

Oriki (fragmentos)

“Oh! homem que tendo água em
casa lavou-se com sangue!
Ele mata o ladrão e o
proprietário da coisa roubada.
Ele mata o proprietário da coisa
roubada e aquele que critica a
ação.
Ele mata o que vende o saco de
palha e aquele que compra¹⁰.”

Pa tá kori¹¹
Ògún e!

¹⁰ Tradução de *Fragmentos do Oriki de Ogum na África* (Verger - 1981).

¹¹ Saudação Yoruba a Ògún.

Ògún

Guerra: conflito armado entre nações, povos, etnias, as batalhas desde o início da vida no universo, a necessidade de vencer, de conquistar.

Metal: elemento químico eletro positivo, sólido, condutor de energia, útil transformador de vidas, de seres...

Caminho: faixa de terreno mais comprida que larga, destinada ao trânsito de pessoas, animais ou veículos. Todos os caminhos, desde o filosófico à estrada de barro, o mais longo e curto a percorrermos na vida, repleto de acidentes, cheio de curvas e encruzilhadas.

O homem, o guerreiro, o conquistador. O ser que mesmo em seu estágio mais primitivo não se privou à compreensão da natureza e, apesar da ausência de civilidade, foi capaz de absorver a energia das coisas ao seu redor, dar-lhes culto, criar rituais e através deles transformar a vida na terra.

Ògún é a energia que move o guerreiro, é o deus do ferro, dos metais, senhor dos caminhos, filho de *Odùdùwa*¹² e *Olokun*¹³, ao vir para terra chefiando entidades guerreiras, foi escolhido por *Orumila*¹⁴ para governar as lutas, os avanços, ensinando aos seres humanos, através de suas mentes, a usar o ferro, desenvolver os outros metais e assim, utilizá-los em benéfico da humanidade, proporcionando-lhes a evolução, o desenvolvimento agrícola, o progresso tecnológico, inspirando - os nas pesquisas científicas.

Ògún, movimento, estrada, passagem. Vontade de conquistar, de derrubar barreiras.

Ògún, ferramenta em favor da humanidade.

Reconhecido por suas grandes conquistas, Ògún é o bom começo, a certeza de vitória, o *Màrìwò*¹⁵.

Ògún, o senhor do ferro, o grande ferramenteiro, o agricultor, o plantador de inhames.

Ògún, título honorável do guerreiro.

Ògún e mi Orisa!

Ògún e, pá tá kori o, Jàsí, Jàsí!¹⁶

¹² Senhor criador da existência terrena para o povo Yoruba.

¹³ Divindade das águas, do Oceano.

¹⁴ Deus da Luz.

¹⁵ Palha extraída do dendezeiro, simboliza a proteção de Ógún.

¹⁶ Saudação Yoruba a Ogum.

Ògún, o meu Orisá



Oferenda para *Ògún* na Estrada - Terreiro São Bento

Uma lenda

Contou-me um velho que um dia *Osalá*¹⁷ recebia uma homenagem de *Sango*¹⁸ que lhe oferecia um banquete. Na cerimônia, inúmeros convidados, deuses, reis e humanos ilustres. Na suntuosa festa, *Osalá*, percebendo a ausência de *Ògún*, não quis dar início ao banquete. Logo em seguida um súdito avisa, em particular, que *Ògún*, o grande *Akoro*¹⁹ havia chegado, porém, estava com as vestes rasgadas, quase nu, não havia condições de participar de um banquete tão magnífico. Então, *Osalá* pediu que lhe trouxesse o seu *Alá*²⁰, e cortando-o em *Alaká*²¹, veste *Ògún* e ordena que toquem os atabaques para o majestoso guerreiro adentrar o palácio ao som das vozes que entoavam:

*Awa tité lo ní
E Ògún Alakoro o Nire
Móju bá Ògún
E Ògún Alakoro o Nire*²²

¹⁷ Divindade africana que representa a paz.

¹⁸ Divindade africana que representa a justiça, senhor do fogo e do dinheiro.

¹⁹ O rei da coroa pequena.

²⁰ Pano branco usado por Oxalá, simboliza a paz.

²¹ Pano do corpo, na África era utilizado como roupa. No Brasil é um pedaço de pano que vai do branco ao colorido, usado pelas pessoas iniciadas, que até os sete anos é na altura do peito, depois jogado no ombro, o que varia de acordo com a nação.

²² Cantiga de Ogum na nação Nagô Ketu, cantada nos terreiros de candomblé do Brasil.



Ògún Reverencia Oyá - Terreiro São Bento

Em toda parte

Ògún costuma exercer especial fascínio em muitas pessoas, é comum ouvir de quem ainda não identificou seu *Orisá* por meios seguros (jogo de búzios, por exemplo) afirmar com orgulho ser filho de *Ògún*. Certamente por este representar a firmeza e a coragem que se necessita para enfrentar às batalhas do dia-dia. É nobre ser corajoso. A vida é repleta de conflitos, ser “filho” de um grande guerreiro soa como garantia de vitória. O curioso é que as pessoas ocupam-se de fervorosos e utópicos discursos contra as guerras no mundo. Todos clamam por paz, mas as guerras acontecem no dia a dia.

No vaivém das informações contraditórias em torno dos *Orisa*, o candomblé se torna uma difícil revelação das divindades africanas. Cada casa de Axé em suas diversas nações cultua o *Orisa* da forma que acha correto, do jeito que seus mais velhos ensinaram ou apenas por reprodução do que viu e ouviu em algumas oportunidades. É necessário que se entenda que a essência do *Orisá* não está baseada em concepções materialistas.

Orisá é natureza e energia que se apresenta de infinitas formas a fim de nos proporcionar a diversidade, o conhecimento e a evolução espiritual. O fato de existir uma divindade que tem suas características moldadas nos princípios de um guerreiro, e materialmente ser representada em alguns de seus cultos na imagem de um soldado, não significa que a mesma seja apologia à violência ou à incompreensão entre os homens.

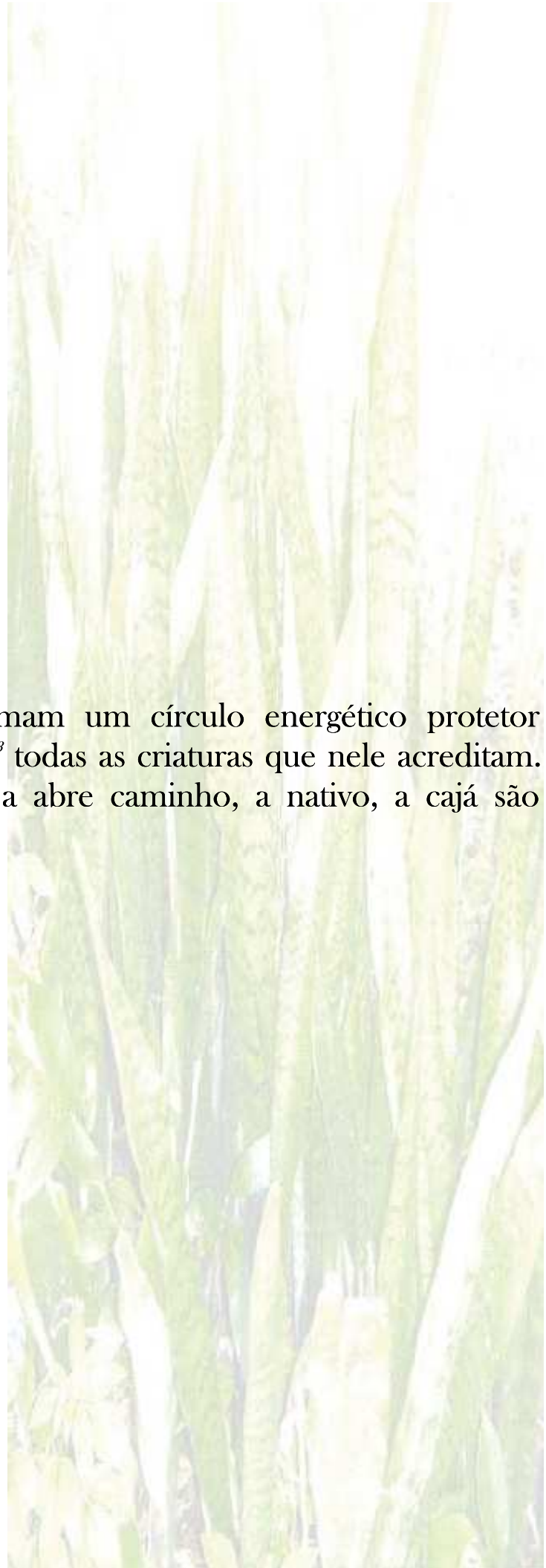
Desde o início dos tempos nos acostumamos a lutar para conquistar um território ou aquilo que julgamos ser necessário para nós, e assim só aprimoramos nossas armas, mas nunca deixamos de debater, combater e abater.

Ògún é a energia que dispõe a arma em favor da vitória, seja qual for o combate, existem dois lados, e *Ògún* está do lado de quem vai vencer. Isso deve justificar o orgulho dos filhos que simboliza ser parte do guerreiro. Não importa qual a motivação, a guerra é o meio de estabelecer quem fica com o que. E, definitivamente, a “bola é uma só”.

Ògún, no jogo de xadrez, no futebol, na concorrência das empresas, no jogo de bilhar, de cartas, no concurso público, no vestibular, em nosso corpo, quando as células lutam contra as bactérias, na criança ao romper o ventre da mãe e ver a luz. Em todo lugar, *Ògún* é, o meu *Orisá*!

Folhas

Orisa de inúmeras folhas que formam um círculo energético protetor infinito, *Ògún* alcança com seu *Ase*²³ todas as criaturas que nele acreditam. O dendezeiro, a espada de ogum, a abre caminho, a nativo, a cajá são algumas destas folhas.



²³ Força, afirmação, energia positiva.

A folha espada -de - ogum

A espada - de - Ogum é *Ewe Ida Orisa*²⁴, uma folha linda em forma realmente de uma espada verde escuro. Brota sempre em quantidade de touceiras. Muito usada em sacudimentos²⁵, na lavagem dos utensílios do asé, nos cacos decorando varandas, praças e jardins.

Assim como toda natureza é mistério divino, a *Ewe Ida Orisa* é do elemento terra. Seu nome científico é *Sanceveria* sp., Agavaceae, *Sanceveria* Libérica Gerôme & Labroy, Liliaceae (Verger,1995, p.716-717). Esta planta é originária da África e encontrada em todo Brasil, também pode ser chamada de *Gákòrícò Ojá Ikòokó, pàsán, korikó e aghomolowoibi* pelo povo Yoruba para *Ori Asé*²⁶.

²⁴ Anjo da Cabeça. *Divindades Africanas*.

²⁵ Ato de passar folhas no corpo.

²⁶ Ritual para fortalecer a cabeça, e o espírito.



Touceira da folha espada - de - ogum - Terreiro São Bento

O Dendezeiro

O dendezeiro tem os seguintes nomes yoruba: *Ygi Ope Màrìwò*, *Opé segi segi*, *Ope Ikim*, *Opé Yalá yalá* - *Elaeis Guineensis* Jacq Palmae (Verger,1995,p.669). Planta de origem africana, esta árvore desgalha em forma de leque deixando aparecer ao centro uma palma nova que após ser retirada e desfiada dá-se o nome de *Màrìwò* que se torna parte das vestes de *Ògún*, simbolizando poder e galhardia. Conta-nos os antigos que *Omolu* usava esta palha, mas, vendo *Ògún* voltando despido de uma de suas batalhas, tirou imediatamente a palha e o cobriu. A partir daí ele é o *Màrìwò*.

O dendezeiro pertence a *Osalá*. Seu tronco representa a dinastia, a criação dos seres humanos, o poder da ancestralidade. O *Ygi Ope Màrìwò* é também asé de *Osala*, *Nana*, *Omolu*, *Yfá* e *Sango*²⁷.

Um velho Nigeriano sacerdote do Deus *Yfá*, em visita ao Brasil, contou uma lenda a Alda *Funmilayo* na qual diz que, as *Yiamin Osorongá*²⁸, tentando prejudicar o reino de *Osala*, apossaram-se dessa árvore transformando seus frutos em néctar vermelho (dendê) e os bagos escuros em pássaros de destruição. Então, *Osalá*, considerando a importância da árvore confiou-a ao grande *Akoro Ògún* a missão de reavê-la e preservá-la. Mas, apesar da vitória e do empenho a árvore continuou dando seus frutos vermelhos. E assim, como em toda a história da humanidade, aquilo que se transforma não perde a serventia, então, os frutos vermelhos são colhidos. Os bagos, que são o dendê maduro, são pilados em recipiente de madeira (pilão artesanal) e apurados no fogo até chegar ao *Epò pupa* (azeite de dendê). A maioria das comidas oferecidas às divindades Africanas são preparadas neste óleo.

Bela em sua aparência, o Dendezeiro é uma árvore encantada, carrega em si muitos mistérios. Nos terreiros de candomblé da Bahia costuma-se fazer os assentamentos do *Orisa Ògún* junto ao seu tronco. No Terreiro São Bento existem vários dendezeiros e um em especial, onde fica os assentos de *Ògún Onirè* desse *Ile Ase*²⁹, e que já produziu azeite suficiente para várias iguarias.

²⁷ Divindades africanas professadas no candomblé.

²⁸ As feitiçeiras, conhecidas popularmente como bruxas.

²⁹ Casa de força.

Na África, mais precisamente na Nigéria, as sementes do dendezeiro são usadas para práticas divinatórias como, por exemplo, o *Opele Yfá*³⁰, professados apenas por altos sacerdotes do culto ao Deus *Yfá*. Dentro destas sementes existe a amêndoa de onde se retira um óleo chamado *Alaadi* usado nos *Orisa Funfun*³¹. *Akoro Ògún Ygi Ope Mariwò e Ni Alá Ori* (Verger, 1995), o Senhor dos caminhos, que é também senhor dos trilhos, do fio que nos liga a tudo, do progresso e da tecnologia, deu-nos o merecimento de conhecermos seus mistérios e descobrirmos em estudos, aqui no Brasil, a possibilidade do uso do óleo do dendê como combustível para mover máquinas (Souza, 2006).



³⁰ Oráculo feito com bagos de dendê.

³¹ Divindades que usam branco.



Dendezeiro do *Atim de Ògún* - Terreiro São Bento



Baba Ajoile e Baba Oderemi desfiando Màriwó - Terreiro São Bento

Ògún, o meu Orisá



Atim de Ògún - Oferendas - Terreiro São Bento



Copa do dendezeiro do *Atim* de *Ògún* - Terreiro São Bento

Símbolos Sagrados do Guerreiro

Orisá Ògún carrega três importantes símbolos em sua indumentária.

A ESPADA

Certamente a *Ida* é o maior símbolo do guerreiro. *Ògún* nunca se apresenta sem a espada de metal. Quando por este empunhada, ela tem a responsabilidade de limpar os caminhos, sejam eles astral ou físicos, de cortar o mal, de transformar.

O ELMO

Defesa e segurança, na mitologia africana ele é a coroa do *Orisá Ògún*, o *Ade*.

PEITORAL ou COURAÇA

A proteção do guerreiro, a defesa, o abrigo seguro para que nosso espírito esteja firme e nosso corpo sobreviva.

Ògún, o meu Orisá



Ferramenta espada de *Ògún*, datada de 1985 - Terreiro São Bento



Adé - O Elmo do Guerreiro - Terreiro São Bento

Ògún, o meu Orisá



Couraça ou Peitoral de *Ògún* - Terreiro São Bento

Oferendas

No Brasil, *Ògún* é cultuado de diversas formas. Solicitado quase sempre pelos seus fiéis nos momentos de dificuldade, esta divindade recebe nas estradas, oferendas de inhame com azeite de dendê e mel, xinxim de carne de boi com camarão, dendê e cebola ralada, acaçá branco e acaçá vermelho, tudo acompanhado de vinho tinto e velas.

As oferendas ao *Orisá Ògún* no espaço físico dos terreiros de candomblé são: Bode, Galos, Conquens (Galinha d'angola), pombo e a famosa feijoada com carne de boi e porco salgadas, lingüiça, toucinho, calabresa etc. e outros segredos da *Iyabase*³² que prepara com sabedoria a oferenda. Primeiro é colocada num argüida e oferecida a Èsú em uma encruzilhada próxima do Terreiro, e em seguida num taxo de barro no *Peji*³³ de *Ògún*, depois será servido no najé hierarquicamente com os sacerdotes, filhos e adeptos.

O *Orisa Ògún* está em todas as partes do mundo como a energia que rege a força de um guerreiro, com vários nomes em diversas nações, diferenciando apenas na forma de cultuar. No Candomblé de culto *Olorisá* Nagô ele é *Ògún Akoro*, é *Nkossi - Mukumbi* no candomblé de Angola e *Gun* para o povo jêji. Na nação de caboclo ele é o caboclo Sete Espadas, na astrologia ele é o Ariano e em toda parte que houver um guerreiro, porque *Ògún* é divindade de muitos mistérios. Ele era 1 que virou 3, que virou 7 e que se multiplicou cada 7 por 7 e transformou-se num exercito, conta-nos os mais velhos dizendo sempre: - Isso é fundamento!

³² Mãe da cozinha, mulher idosa designada a cozinhar e conhecer os preceitos para o preparo das comidas de todos os Orisa.

³³ Assentamentos do Orisa.



Iyabase cozinhando feijoada de *Ògún* - Terreiro São Bento

Ògún, o meu Orisá



Tantasile, Ògún, Iyabase e Durobá em festa da feijoada de Ògún - Terreiro São Bento



Oferendas no *Atim* de Ògún - Terreiro São Bento



A *Iyabase* oferecendo a feijoada de *Ògún* - Terreiro São Bento

Seus filhos no São Bento

Assim como todo *Orisá*, *Ògún* deixa em seus filhos suas características mais marcantes. Não é raro observar nos filhos de *Ògún* um semblante de inquietação e obstinação. São pessoas de aparência simples, geralmente mulheres e homens esguios e velozes em seus gestos. Não costumam permanecer muito tempo no mesmo lugar, são andarilhos natos, sempre envolvidos em causas que demandam luta, determinação. Justiceiros, implacáveis, são pessoas de poucas palavras e de muita ação. São corajosos e destemidos, não perdem tempo discutindo, eles gostam mesmo é de movimento.

Dentre muitas histórias de vidas e fundamentos de *Ògún* e seus “filhos”, que conheci durante minha trajetória sacerdotal, a que mais me chamou atenção foi a de *Baba Ajoile, Omoloye* do Terreiro São Bento ou, simplesmente, Emmanuel. Os acontecimentos que nortearam sua vida no *Ase*, levou-me a pesquisar a respeito, a fim de demonstrar, para aqueles de pouca fé, um fato curioso: Todas as vezes que *Baba Ajoile* cogita fazer oferendas a seu *Orisa*, inicia-se alguma guerra em algum lugar no mundo.

No ano de 1991, exatamente no dia 17 de janeiro, dia em que se iniciou no *Ile Asé*, estourou a guerra no Golfo, liderada por *Saddan Hussein*, uma guerra civil na Somália, entre *Mohamed Siad Barre* e os Clãs Armados e ainda, os *Chechênios* entram em choque armado contra a Rússia. Em julho de 2001, ele fez um jogo de búzios e comunicou a *Iyalorisá* que estaria se arrumando para dar obrigação de sete anos, e na semana seguinte (dia 12) os Policiais de Salvador entram em greve, colocando a população em estado de sítio, conflito que se alastrou por todo país. A coisa foi tão séria que houve interferência da tropa do exército de Taubaté - SP com tanques de guerra nas ruas de Salvador. Em seguida, um atentado terrorista em *New York*, no dia 11 de setembro culminou na guerra entre Estados Unidos e Afeganistão. E o mundo que se segure enquanto *Ajoile* estiver em terra (*Alafiona*, 2001,p.03).



Baba *Ajoile* - *Omoloye* do Terreiro São Bento desfiando *Màríwó*



Osun Funmilaiyo a Iyalorisa, Ògún, Ajoile e Omolu em obrigação de 14 de anos do Omoloye Terreiro São Bento

Ajoile *O guerreiro desta Casa*

Emmanuel Teixeira Machado nasceu em D. Pedrito no sul do Brasil, cidade que faz divisa com o Uruguai. Sua história de vida reflete a ligação com *Ògún*, sempre envolvido em causas políticas e sócias, após estudar Agronomia, Nutrição e Psicologia, acabou tornando-se Sociólogo, e hoje atua como Professor de História e Sociologia na rede pública de ensino em Salvador. Os caminhos espirituais foram muitos, a prática de *yoga* e o esoterismo serviram de veículo na busca de equilíbrio espiritual. Inquieto como todo filho de *Ògún*, Emmanuel partiu de sua terra em busca dos conhecimentos das religiões afro - brasileiras.

Foi através de uma senhora sacerdotisa do culto de Umbanda que ele ficou sabendo que aquilo que buscava espiritualmente estava na Bahia. E como todo bom guerreiro, não perdeu tempo, arrumou a sacola e ganhou a estrada rumo à cidade de Salvador na Bahia. Os acontecimentos até a chegada ao *Ile Ase Orisanla J' Omi* -Terreiro São Bento, ganhariam a proporção de um novo livro.

Após “diagnosticar” um verdadeiro conflito de *Orisa* em seu *Ori*, através do jogo de búzios da *Iyalorisa* Alda *Funmilayo*, a vida de Emmanuel toma novos rumos até a sua iniciação religiosa, norteadas por guerras, batalhas e verdadeiros duelos em busca de sobrevivência, até receber o honroso cargo de *Omoloye* - aquele que caminha com *Omolu*.



Ògun abraça seu filho Ajoile - Terreiro São Bento

Tantasile *A criança que brotou do Inhame*

Desde bebê Filipe toca os atabaques. Claro que naquela época ele só dava umas palmadinhas no couro. Quando aprendeu a falar determinou logo cedo seu espaço. Sua avó Alda perguntava: - O que Pinho vai ser quando crescer? A resposta sempre foi uma só: - Tocador de atabaque de vovó. Aos três anos de idade ele já balbuciava ser “*miño do xanto*” (*menino do santo*). Aos nove ele responde orgulhoso à pergunta: quem é *Ògún* pra você? - *Ògún* é o guardião, o defensor. Sem ele as pessoas não existiriam.

Algumas crianças possuem noção de si mesmas. Estas são especiais. Elas carregam consigo a compreensão de que são, de fato, a continuidade, o essencial à sobrevivência de todas as culturas.

Filipe é *Tantasile*, a criança que brotou do inhame, é *Osi Alabe* do Terreiro São Bento. Através das palavras dele eu acredito que o *Asé* não cessará de brotar.

Ògún, o meu Orisá



Duroba, Walase, Ominire, Tantasile e Funrile - Terreiro São Bento



Tantasile em sua confirmação – Terreiro São Bento

Nkossi na TV

Um depoimento

Quando criança tive a oportunidade de conhecer o Ògún mais garboso que já vi na vida. De nação angola, ele é Nkossi le. Seu charme e classe conduzem muitos fies a sua humilde casa no dia 13 de junho, pessoas que como eu, se emocionam ao vê-lo dançar, e exibir em seus gestos sua majestosa história. Se a “matéria” dele fosse bailarina, estaria explicado sua leveza e cadência. Mas ela é apenas uma Mãe de Santo ou Mameto de Nkissi, que desde criança incorpora este Orisa/Nkissi. E pelo que me contaram, ele sempre foi assim, belo.

Desejei que aquelas imagens que tanto me emocionava, não se limitassem ao espaço físico daquele Ile Ase, achava pouco, muito pouco para aquela divindade. Queria sair por aí mostrando Nkossi para todo mundo, para os que têm fé em Orisa. Fiquei adulta, e a cada vez que o via, eu pensava: Como mostrar Nkossi para o mundo? Lendas de Orisa são tantas, distorcidas ou incompreendidas, tudo se fala hoje sobre Orisa, até o que não se deve falar. E com muito cuidado, eu procurei entender, por que chegaria a um terreiro tão conservador câmeras de televisão, para uma reportagem a ser exibida numa rede de tv que tem prestígio mundial? Justo na feijoada de Ogum, exatamente quando estava ali, em visita à minha casa, o meu adorado Nkossi le!

O povo de candomblé é cismado, “como é que mostra a mãe de santo na tv recebendo o Orisa!” O que perdeu Nkossi numa casa Nagô? Ainda aparecendo na tv? E foram muitas as críticas, que certamente se tornarão lenda.

Apreendi, no próprio Axé, que barracão de festa é público, se é público, pode ser visto por todos. E diga-se de passagem, a festa no candomblé é uma demonstração mágica de pura beleza. Apreendi também, que cultuamos elementos da natureza, e se Ògún é metal, Ògún é possível através da tv. Então, que mal há em Ògún/Nkossi aparecer na televisão? Hoje se fotografa, se filma, e se fala mais do que se deve de Orisa. E se antes se falou menos, não se filmou ou não se fotografou, foi porque Ògún ainda não havia nos mostrado o progresso. E lá estava Nkossi, como sempre desejei, pro mundo! Visto como uma revelação fantástica, em horário nobre, por muita, muita gente.

Celeste Osairanle

Ao Guerreiro

Vai meu Guerreiro Bendito!
Galopa! Galopa! E teu grito ecoa
Nos corações, nas mentes que sofridas
Ouvi-te como a um brado
Do infinito! E ensinando,
Transforma-te em bela águia,
Que bate azas, e voa, voa.
Levando o Negro
Que ao sol cintila,
Como o dia que chegará,
Abrindo os olhos à vida,
Que toda hora vem e vai,
Eterna! Como a força
Que tentará evoluir-nos
Decifrar-nos.

Alda Funmilayo



Nkosi Le - Terreiro Tumbensi



Ògún e Ogan Ajadesile em sua confirmação - Terreiro Oia Tunjá

Canção do Tamoio -Estrofes *Gonçalves Dias*

Não chores meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida;
Viver é lutar.
A vida é um combate
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar.(...)

(...) As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate,
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos
Só pode exaltar.

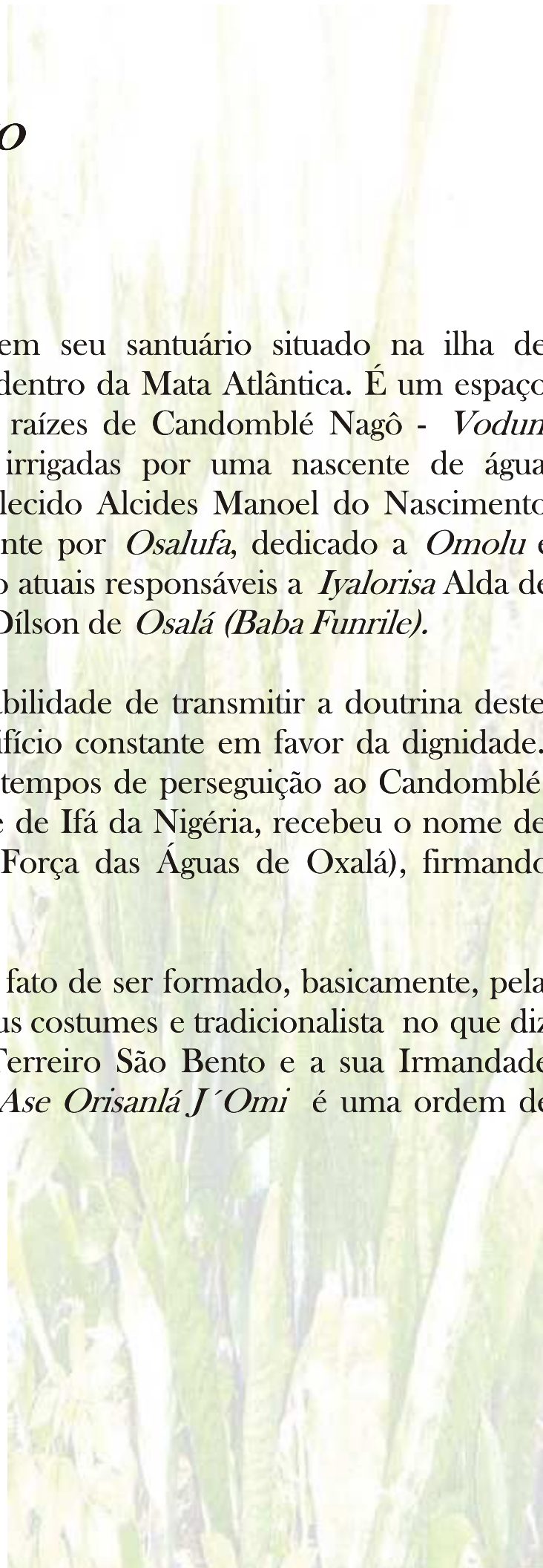


O Terreiro São Bento

É uma irmandade religiosa que tem seu santuário situado na ilha de Itaparica, município de Vera Cruz, dentro da Mata Atlântica. É um espaço privilegiado em fauna e flora. Suas raízes de Candomblé Nagô - *Vodum* estão entrelaçadas às das árvores irrigadas por uma nascente de água mineral. Fundado em 1934 pelo falecido Alcides Manoel do Nascimento (*Baba Muteibi*), regido espiritualmente por *Osalufa*, dedicado a *Omolu* e Caboclo Sultão das Matas, tem como atuais responsáveis a *Iyalorisa* Alda de *Osun* (*Iya Funmilayo*) e o Babalásé Dílson de *Osalá* (*Baba Funrile*).

O nome São Bento tem a responsabilidade de transmitir a doutrina deste santo católico que se refere ao sacrifício constante em favor da dignidade. Também serviu de salvaguarda nos tempos de perseguição ao Candomblé. Em 1989, após a visita do Sacerdote de Ifá da Nigéria, recebeu o nome de *Ile Ase Orisanlá J' Omi* (Casa de Força das Águas de Oxalá), firmando assim sua identidade Nagô.

Sua característica mais marcante é o fato de ser formado, basicamente, pela família consangüínea. Rígido em seus costumes e tradicionalista no que diz respeito a preservação do *Asé*, o Terreiro São Bento e a sua Irmandade Sócio - Religiosa e Beneficente *Ile Ase Orisanlá J' Omi* é uma ordem de culto *Olorisa*.



1.538°C é o ponto de fusão do ferro. Estes numerais somados têm como resultado final o numeral 8 que na leitura do Oráculo de Ifá representa Ejonile o Odu extremamente guerreiro.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro - Nova Fronteira, 1980.

FONSECA JUNIOR, Eduardo. Dicionário Yoruba (Nagô)-Português, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

JUVENTUDE, Enciclopédia Tesouro da - vol. II - Livro da Poesia - p.105 - São Paulo, 1965.

SOUZA, Jonas. Dendê: Potencial para produção de energia renovável. Disponível em :<<http://www.ceplac.gov.br/radar/Artigos/artigo9.htm>>. Acesso em 18 out.2006.

VERGER, Pierre. Ewé: o uso das plantas na sociedade ioruba. São Paulo, Companhia das Letras 1995.

VERGER, Pierre. Orixás Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo, Salvador: Currupio, 1981.

Orelha



Celeste d' Alcântara Arruda,
Mobá Osairalé é Iyalase do Terreiro
São Bento onde foi iniciada aos 13
anos de idade (1987) e confirmada
Ekeji de Osalufâ. É vice-presidente e
fundadora da Irmandade Sócio
Religiosa e Beneficente *Ile Ase*
Orisanlá J' Omi - Terreiro São Bento,
educadora , criou o Informativo
Alafiona – um caderno informativo
que registra todos os acontecimentos
importantes da Irmandade. É
coordenadora do Grupo *Omo layo*
responsável por atividades
filantrópicas e culturais da Irmandade.

Ògún, o meu Orisá



Entrada do Terreiro São Bento em Águas de Osala

*“Lembre-se do que viu.
Não fale o que não viu nem ouviu.
Volte Sempre!”*

Esu Bambalatiri